



A crise econômica mundial e os dilemas da militância e dos movimentos sociais: afinal, quem vai pagar a conta?

"O mesmo sistema ideológico que justifica o processo de globalização, ajudando a considerá-lo o único caminho histórico, acaba, também, por impor uma certa visão da crise e a aceitação dos remédios sugeridos. Em virtude disso, todos os países, lugares e pessoas passam a se comportar, isto é, a organizar sua ação, como se tal 'crise' fosse a mesma para todos e como se a receita para afastá-la devesse ser geralmente a mesma. Na verdade, porém, a única crise que os responsáveis desejam afastar é a crise financeira e qualquer outra. Aí está, na verdade, uma causa para mais aprofundamento da crise real - econômica, social, política, moral - que caracteriza o nosso tempo." SANTOS, Milton. Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal. São Paulo: Record, 2000, p.169)

A palavra "crise" tem origem grega, eis que usada por Hipócrates para designar o momento culminante de uma doença. Assim, para o pai da medicina ocidental, a crise seria o cúmulo da doença, após o que só poderia advir a cura, a solução. Por essa razão, era o momento crucial para a tomada de decisões, para se adotar a medida adequada a uma resolução eficaz ao problema.

Quando se fala em crise econômica mundial, há uma tendência alarmista por um lado, que quer propagar a idéia de que, somente agora, o caos será instalado no mundo; e, por outro, num sentido oposto, há aqueles que reputam a crise como algo tolo, banal, sem grande importância. As duas idéias polarizadas estão assentadas sobre o mesmo fundamento, qual seja o mascaramento do verdadeiro fundamento que leva o sistema de produção capitalista a uma agonia de difícil solução.

A crise, ou a doença (conforme a origem da palavra), é uma característica típica do capitalismo. Seguindo a argumentação marxista, temos que todo sistema de produção econômica tem, necessariamente, dois elementos: 1) está baseado na exploração de oprimidos por opressores; 2) sempre traz dentro de si o princípio da sua própria destruição. Deste modo, na Antiguidade, temos, no sistema escravagista, a exploração de escravos por senhores, baseada na força bruta, no cativo; porém, quando a força se torna escassa para conter os escravos, o sistema perece, dando lugar a outro. Daí, na era medieval européia, surge uma nova forma de exploração, agora, baseada na posse da terra, entre servo e senhor feudal; contudo, quando a produção agrícola é enorme, a sobra é comercializada pelo servo, e este deixa de depender do senhor, originando outro sistema de produção: o Capitalismo.

Basicamente, e de forma bastante elementar, esta é, para Karl Marx, o raciocínio da evolução econômica através da história. Toda forma de produção está baseada na exploração, que reside em algum mecanismo de submissão (*força, terra*); todavia, o capitalismo cria um modo de opressão própria, fundada na repartição entre *Capital* e *Trabalho*. Há aqueles que possuem o capital (dinheiro) e aqueles que não possuem – a estes últimos, só resta trabalhar, para que possam transformar o trabalho em capital e se sustentar no básico. Por essa razão, só existe capitalismo se houver distribuição desigual de renda, trata-se de um sistema que só sobrevive na desigualdade – só irá se submeter ao trabalho aquele que não possui capital, ou seja, se todos possuísem capital, não haveria trabalho, não haveria exploração, e, conseqüentemente, não haveria capitalismo.

Por isso, quando o capitalismo surgiu, ele se fez acompanhar por um projeto ideológico que pudesse sustentar a desigualdade econômica. Desde seus primórdios, no Renascimento, o abandono de um princípio de deus como centro do mundo e a organização do método científico perfazem a idéia de que o homem pode ter o controle de tudo, já que é dotado de razão. O racionalismo, ao lado do sistema capitalista, constitui a face ilusória da beleza da Modernidade. A razão renascentista encontra, então, seu

apogeu no Iluminismo, e, a partir deste, erige-se toda uma administração pública, na figura do Estado de Direito, a fim de sustentar a dominação e a desigualdade.

Entretanto, mesmo com todo o instrumental ideológico, político e jurídico, no intuito de sustentar a exploração de quem não possui capital, a base da produção econômica capitalista, por ser muito sutil, sempre guardará uma fragilidade. Não se trata mais de um elemento concreto, como a força ou a terra; a desigualdade, que sustenta o sistema, é também a responsável por sua possibilidade e falha e é por isso que o capitalismo está em constante renovação. Assim, a crise não é estranha ao capitalismo, ela lhe é própria, e é através dela que o sistema se reinventa e sobrevive, comutando-se de mercantilismo em capitalismo industrial, e, deste último, em financeiro e especulativo.

Esta crise do início do século XXI é a crise do capitalismo das bolsas de valores, assim como a crise de 1929 foi a crise do capitalismo industrial. Portanto, aqueles que causam barulho, passando a falsa idéia de que tais abalos são novidade, pretendem, ao mesmo tempo, negar que o capitalismo é um sistema fundamentalmente falível e crítico, e usar a tal “crise econômica” como desculpa para a redução de políticas para o povo, para as demissões em massa no setor privado, e para o corte de gastos em todas as esferas. A propaganda da crise nos meios de comunicação força todo o corpo social a assimilá-la como um problema coletivo. O desequilíbrio econômico, pautado na dinâmica de um sistema injusto e instável, e gerado por quem detém o poder, acaba sendo suportado por todos, e, como é usual, os mais pobres são mais sensivelmente afetados e acabam saindo muito mais prejudicados desta situação.

Por outro ângulo, sob o argumento verdadeiro de que a crise é natural ao sistema capitalista, há os que pretendem lhe emprestar um ar de banalidade, como se a doença fosse só uma leve gripe que logo passará, quando, na realidade, trata-se de uma doença crônica e incurável.

Reputam-se como responsáveis pela crise o inchaço do sistema de crédito imobiliário norte-americano e o abuso na especulação. Neste último caso, alguns especuladores teriam colocado em circulação papéis fictícios, sem correspondência material do valor neles depositado. Esta idéia é por si só fantasiosa e enganadora, pois parece que somente agora alguns indivíduos imorais teriam vendido papéis sem valor, quando, na realidade, esta especulação (como o nome já diz) é o fundamento do próprio funcionamento do sistema. O capitalismo financeiro dispensa a correspondência entre valor especulado e riqueza material real, essa é a sua lógica interna para transformar capital em mais capital, sem usar o trabalho.

Como o capitalismo, por causa da especulação, pode gerar capital prescindindo da exploração do trabalho, naturalmente, aumenta o desemprego, ainda mais com a crescente mecanização da produção, que dispensa a mão-de-obra. Então, a grande massa de trabalhadores sem ocupação cria uma lacuna no mercado consumidor – sem trabalho, não há consumo. Isso faz com que só seja possível vender através do crédito, e os sistemas de financiamento crescem, para imóveis, automóveis, eletroeletrônicos, eletrodomésticos, tudo. Nunca se comprou tanto a prazo, e em prazos tão extensos.

Portanto, tanto a falência do sistema de crédito imobiliário quanto o abuso na especulação não são causas isoladas que acabaram gerando a crise, mas são produtos e desdobramentos naturais do próprio capitalismo financeiro especulativo. No entanto, se o capitalismo, como sistema de produção, está baseado no conflito entre capital e trabalho, quando se dispensa o trabalho para a produção de riqueza, recorrendo-se somente à especulação, rompe-se a base do sistema. Por isso, esta crise é profunda, e não passageira e superficial como querem alguns.

Inclusive, a crise mundial atual não é somente econômica. A voracidade do sistema capitalista encontrou um limite à expansão desmedida para a produção de lucros e o acúmulo sem fim – este limite é o próprio mundo. O planeta já não suporta as consequências da lógica capitalista, e a crise ambiental denota que os dias do sistema estão contados, se não pela falência econômica, pela impossibilidade de permanecer na Terra, após tudo o que a Modernidade fez a ela.

O racionalismo, o avanço da tecnologia e a ciência moderna foram tão devastadores quanto o próprio capitalismo. E esse apego à racionalidade, que afastou qualquer concepção religiosa, moral e ética de mundo, deixou-nos sem nenhum referencial. A modernidade substituiu a fé pela razão, a crença em deuses pela crença na ciência e, agora, quando o capitalismo agoniza e a ciência destrói o planeta, quando vivemos os horrores das guerras do século XX, a fome, a desigualdade, a injustiça, não podemos mais fechar os olhos, iludidos, acreditando nas promessas da filosofia iluminista de “liberdade, igualdade e fraternidade” e positivistas de “ordem e progresso”.

Só nos restou o desconforto e a desilusão de um mundo conturbado, sem valores morais, com um Estado quebrado, a natureza degradada, a economia vacilante, e nenhum lugar para a ideologia. A globalização somente pulverizou as fronteiras econômicas, mas as desigualdades locais foram mantidas e exacerbadas. Globalizamos a cultura de massas para expandir o consumismo, mas jamais construímos oportunidades globais.

A crise é, portanto, total e absoluta. Não é só o capitalismo que sofre uma crise, mas a Modernidade: a razão moderna, a moral, a ciência, a economia. O Estado moderno padece por falta de legitimidade quando não realiza seus objetivos básicos e mantém a desigualdade, a democracia se extingue ante a corrupção e a burocracia, o Direito moderno não encontra legitimidade e a lei é constantemente desobedecida, só há previsões formais, sem nenhuma efetivação dos direitos mais fundamentais.

Nesta realidade, ainda haverá lugar para a militância? Ainda haverá espaço para a ideologia? Os movimentos sociais ainda fazem sentido? Como lutar por direitos se o próprio Direito padece? Como desejar inclusão se o Estado desaparece? Como pretender justiça e igualdade em um sistema desigual e agonizante?

A falta de resposta a essas perguntas poderia nos levar à absoluta desilusão. Porém, convém lembrarmos Hipócrates, no início do texto, que cunhou a palavra “crise”. Se a crise é o apogeu de uma patologia, de um desarranjo, de um desequilíbrio, é também o momento da intervenção, o momento da solução. Contudo, esta solução não pode ser aquela imposta pelos opressores, no sentido da contemplação de seus interesses. O remédio adequado é a superação da própria lógica do sistema. Num estado de coisas em que todas as estruturas se encontram em crise, e a humanidade encara a catástrofe, não nos resta mais nada, a não ser a ação, o resgate da razão verdadeira, e a crença em um futuro melhor. No auge da doença, só nos resta administrarmos o remédio correto e perseguirmos, incansavelmente, a verdadeira cura.

Advogada, graduada pela Unesp, pós-graduada pela EPD, Professora Universitária e em cursos preparatórios.

Tarefa: Pesquisar e fazer uma redação sobre o desemprego e as etnias. Pesquisar o pensamento de um dos maiores brasileiros que tematizou sobre a crise mundial, Milton Santos. Taylisi de Souza Corrêa Leite*